

**VALDENOR OLIVEIRA CRUZ**

**CADEIA PRODUTIVA AGROPECUÁRIA E OPORTUNIDADES DE SERVIÇOS  
BANCÁRIOS GERADOS NA JURISDIÇÃO DA AGÊNCIA DO BANCO DO  
BRASIL EM PALMEIRA (PR)**

**Monografia apresentada, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
especialista no curso MBA - Gestão  
Empresarial – Curso de Pós Graduação da  
Universidade Federal do Paraná-UFPR .**

**Orientador: Prof. Dr. SÉRGIO  
BULGACOV**

**CURITIBA  
2004**

LISTA DE TABELAS.....	iii
LISTA DE QUADROS.....	iv
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. JUSTIFICATIVA.....	04
3. OBJETIVO GERAL.....	05
4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	06
5. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA.....	07
5.1 Ocupação/colonização .....	07
5.1.1 Colonização Russo-Alemã .....	08
5.1.2 Colonização Polonesa.....	09
5.1.3 Colonização Italiana .....	09
5.1.4 Outras Colonizações .....	10
5.1.5 Colônia De Witmarsum.....	11
6. ESTRUTURA DO MUNICÍPIO .....	12
6.1 Clima.....	13
6.2 Topografia .....	13
6.3 Hidrografia .....	14
6.4 Classificação Do Solo.....	14
7. ASPECTOS SOCIAIS.....	15
7.1 A população.....	15
8. AGRICULTURA – ÁREA DE PRODUÇÃO .....	17
8.1 Evolução da Agricultura no Município de Palmeira.....	19
9. MUDANÇAS NA BASE TÉCNICA A PARTIR DO FINAL DOS ANOS 60.....	27
10. CRÉDITO RURAL = EVOLUÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS CONTRATADOS PELO BANCO DO BRASIL – AGÊNCIA DE PALMEIRA PR).....	30
11. ESTRUTURA DE ARMAZENAGEM .....	41
12. A PECUÁRIA .....	43
13. AGROINDÚSTRIAS .....	44
14. COOPERATIVISMO .....	45
15. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA.....	47
16. MECANISMOS DE COMERCIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA.....	49
16.1 Mercados Futuros.....	49
16.2 Funcionamento .....	49

16.3 Modalidades.....	49
16.4 Operacionalização Através do Banco do Brasil .....	49
16.5 Produtos Negociáveis e Quantidades Mínimas – BM&F .....	50
16.6 Moeda de Referência dos Contratos Futuros .....	50
16.7 Benefícios Para o Produtor Rural.....	50
16.8 Resultados Recentes.....	51
17. COMPARATIVO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE GRÃOS NO MUNICÍPIO	
PALMEIRA – SAFRAS 2002/2003 X 2003/2004 .....	51
18. CONCLUSÃO .....	53
REFERÊNCIAS .....	56

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - QUADRO DEMONSTRATIVO DE PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA - 1985 E 1995 (Em M.M.).....	13
TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA E PRODUÇÃO DE GRÃOS – SAFRAS 1999/2000 – 2000/2001 – 2001/2002 .....	19
TABELA 3 - VARIAÇÃO OCORRIDA NA ÁREA E PRODUÇÃO NAS SAFRAS 84/85 E 01 /02 NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA.....	20
TABELA 4 - EVOLUÇÃO DA [ÁREA PLANTADA DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO NO PERÍODO 1985-2002 .....	22
TABELA 5 - PRODUTIVIDADE (kg/há) OBTIDA DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO PERÍODO DE 1985 – 2002.....	23
TABELA 6 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO NO PERÍODO DE 1985 – 2002 (TONELADAS).....	24
TABELA 7 -COMPARATIVO DA VARIAÇÃO NA ÁREA OCORRIDA NO PARANÁ E PALMEIRA NAS SAFRAS 01/02 -02/03 E ¾.....	25
TABELA 8 - COMPARATIVO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA DAS PRINCIPAIS CULTURAS – 2002.....	26
TABELA 9 – ÁREA E PRODUÇÃO DE VERÃO E INVERNO – SAFRA 00/01 COMPARATIVO PARANÁ – NÚCLEO REGIONAL DE PONTA GROSSA E MUNICÍPIO DE PALMEIRA .....	29
TABELA 10 RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA POR ATIVIDADE – POSIÇÃO EM 31/12/1999.....	31
TABELA 11 RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA POR ATIVIDADE – POSIÇÃO EM 31/12/2000.....	32
TABELA 12 RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA POR ATIVIDADE – POSIÇÃO EM 31/12/2001.....	34

TABELA 13	RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA E PALMEIRA POR ATIVIDADE – POSIÇÃO EM 31/12/2002.....	36
TABELA 14	RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA POR ATIVIDADE – POSIÇÃO EM 01/01/2004.....	38
TABELA 15	–EVOLUÇÃO DO REBANHO PECUÁRIO – POSIÇÃO 1999/2002....	43
TABELA 16	– EVOLUÇÃO REBANHO LEITEIRO E CORTE – COOPERATIVA WITMARSUM 49/87 – 2001 .....	46
TABELA 17	– EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO NAS SAFRAS 2002/2003 E 2003/2004 .....	38
TABELA 18	– DESEMPENHO DA SAFRA DE INVERNO 2003 NO MUNICÍPIO ....	52

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –	ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA.....	12
QUADRO 2 –	COORDENAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA .....	15
QUADRO 3 -	COMPARATIVO DE POPULAÇÃO DO PARANÁ E PALMEIRA 1980-1991-2000.....	15
QUADRO 4 -	COMPARATIVO- CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO OS ESTABELECIMENTOS PARANÁ E PALMEIRA 1985-1996 ....	16
QUADRO 5 -	CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM DE GRÃOS 2000 – 2003 .....	41
QUADRO 6 -	NÚMERO DE TRATORES EXISTENTES SEGUNDO A OTÊNCIA 1985 E 1996 NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA.....	42
QUADRO 7 -	NÚMERO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS EXISTENTES - 1985-1996.....	42
QUADRO 8 -	ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO SETOR LEITEIRO DE PALMEIRA – 2002.....	44
QUADRO 9 -	UNIDADES ARTESANAIS E AGROINDUSTRIAIS INSTALADAS, PRODUÇÃO E ÍNDICE DE OCIOSIDADE – 2003 .....	45
QUADRO 10 -	COMPARATIVO DO TOTAL DE COOPERADOS EXISTENTES EM PALMEIRA - 1996–2003 .....	46
QUADRO 11 -	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS PRODUTOS NO VALOR..... BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO PERÍODO 99/00 A ½.....	47

## INTRODUÇÃO

O Município de Palmeira Localizado na Região Sul do Estado do Paraná, tem a sua economia fundamentalmente baseada na agropecuária, cujo desenvolvimento ao longo dos anos vem pautando o crescimento econômico, com ênfase principalmente na produção de soja e milho que vem proporcionando muita rentabilidade, além da produção de leite, onde tem seu maior desenvolvimento na localidade de Witmarsum. Além do mais, após tantas oscilações na agricultura, atualmente há novas perspectivas em razão da mecanização agrícola, novas culturas, incentivos por parte dos órgãos governamentais, crédito rural, novas técnicas de plantio, o que vem motivar os agricultores a permanecerem no campo e dele tirarem a sua subsistência e obterem ganhos e lucros com o seu trabalho. Ressaltando-se ainda que novos rumos tomou a agricultura familiar que por um longo período foi deixada de lado em razão das várias dificuldades encontradas para a sua efetiva implantação no meio rural. Hoje o que se vê é que ela finalmente está sendo valorizada e praticada com bastante entusiasmo pelos pequenos e médios agricultores. E, cuja produção além de servir para a sua subsistência é comercializada em feiras, em supermercados, encontrando entretanto ainda a dificuldade quando da sua comercialização, mas aos poucos vai se estruturando e organizando para o seu desenvolvimento e aumento de produção. Vitória esta de grande importância, principalmente em razão de contribuir para a diminuição da pobreza em grande número que havia na zona rural, e que levava muitos a buscarem na cidade uma nova vida, desfazendo-se de suas pequenas propriedades, mas nada encontrando, pois o município é praticamente essencialmente agrícola. Com o crescente desenvolvimento da agropecuária está ocorrendo efetiva fixação no campo, evitando o êxodo rural, diminuindo o nível de desemprego, contribuindo para o desenvolvimento econômico do município de Palmeira.

Com uma extensão territorial de 1.552 quilômetros quadrados, o equivalente a 155.200 hectares, vem conseguindo pela boa tecnologia empregada na produção pelos agropecuaristas que aqui residem e desenvolvem suas atividades, colocar o Município em posição de destaque no cenário estadual, classificado atualmente como o 15º município dentre os 399 municípios que o Estado possui, na soma do

valor bruto da produção agropecuária – VPB. O valor bruto da produção é obtido pela soma de todas as produções do Município multiplicadas pelos respectivos valores médios de comercialização de cada produto.

O resultado desse montante em 1999 foi de R\$ 76.845.763,76, passando para R\$ 91.629.115,53, no ano de 2000, o equivalente a um aumento nominal de R\$ 11,923,769,23 no valor foi obtido. A variação percentual de 1999 para 2000 foi de 19,2%, variação essa acima da inflação, havendo, portando um incremento real do VBP, devido sobretudo à evolução da produção de grãos do Município de 22,2%, conforme demonstraremos na seqüência.

Essa posição de destaque comprova de uma maneira efetiva o potencial agropecuário do Município, a sua vocação natural para a produção primária.

O Paraná é conhecido como um estado de economia agrícola em função da boa fertilidade natural da maioria de seus solos, sendo privilegiado na questão das possibilidades de exploração, uso, ocupação e de produção dos solos. É nesse contexto paranaense que o Município de Palmeira está inserido, fazendo do seu solo, o seu principal instrumento de desenvolvimento sócio-econômico.

A evolução do setor agrícola foi profundamente influenciada pela ação do Estado, com destaque para a década de 70 durante a qual houve maior ênfase no processo de modernização do setor, viabilizado pelo crédito fácil e farto, favorecido por condições macroeconômicas estáveis, e mecanismos possibilitados pelo aumento do volume de depósitos à vista implementados em 1967. Foi nesta década que ocorreu a introdução de máquinas agrícolas, incremento da quimificação, a mudança no trato de culturas, a interiorização da indústria, etc, transformando a produção rural em uma agricultura intensiva e mecanizada. Foi a disponibilidade de crédito para investimento e custeio que favoreceu a mudança da base técnica do setor, resultando na crescente desvinculação da agricultura de suas condições naturais, e passando a depender cada vez mais da indústria na medida em que esta passa a assumir a posição de supridora dos novos meios de produção. Esse salto qualitativo e quantitativo implicou em novas técnicas de cultivo, maior uso de equipamentos e insumos modernos. Esse processo foi caracterizado através da passagem do chamado “complexo rural” para uma dinâmica comandada pelos “complexos agroindustriais”. A agricultura transforma-se em ramo semelhante à indústria, à medida que adquire determinados insumos e produz matérias primas



para outros ramos de produção. Enfim, esse período caracteriza-se como o responsável pela construção das bases necessárias para uma agricultura moderna e empresarial nos anos 90.

O crédito farto ao setor agrícola, entretanto, foi atingido por um período de recessão a partir dos anos 80, em virtude de diversos fatores, relacionados à política macroeconômica recessiva, a qual associado à remodelação do comércio agrícola mundial, acabou resultando numa diminuição do crédito rural. Ao setor resta adaptar-se aos novos instrumentos e programas estabelecidos, como os Contratos de Opção, o Programa de Escoamento do Produto (PEP), e programas específicos como o Programa de Apoio a Agricultura Familiar (PRONAF). Além disso, o setor encontra no próprio mercado alternativas para a falta de crédito oficial, através de financiamentos e parcerias, as últimas estabelecidas em contratos pré-estabelecidos entre agricultores e indústria.

A metodologia utilizada foi a bibliográfica e análise de documentos referentes a situação do município de Palmeira em relação a agropecuária, conceituação de obras relativas ao setor agropecuário e o uso de dados estatísticos da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento, através do Departamento de Economia Rural-Deral. Com a análise dos dados sendo realizados no decorrer do trabalho.

## 2. JUSTIFICATIVA

A proposta deste trabalho é levantar dados específicos da cadeia produtiva agropecuária do Município de Palmeira, que possam subsidiar ações da Agência local do Banco do Brasil, no sentido de otimizar sua participação no processo produtivo e atender a demanda de negócios e serviços bancários gerados pelo setor agropecuário.

A atividade agrícola, desenvolvida em médias e grandes propriedades, tem progressivamente, adquirido contexto empresarial e apresentado altos índices de produtividade e rentabilidade. Esses resultados têm estimulado novos investimentos e ampliações dos empreendimentos, tendo como conseqüências o expressivo crescimento da produção agrícola nacional e sua competitividade no mercado internacional, que contribuem, de forma decisiva, para o aumento das exportações e o equilíbrio da balança comercial do país.

O processo produtivo que envolve o agronegócio, aquece a demanda em outros setores da economia, notadamente, as indústrias de máquinas e equipamentos agrícolas, estruturas de armazenagem, transportes e o comércio de insumos.

O volume de negócios e recursos, atualmente movimentados pela cadeia produtiva agropecuária, atrai o interesse de agentes financeiros que promovem a instalação de agências em localidades de perfil predominantemente agrícola, como é o caso da cidade de Palmeira. Por outro lado, o contexto empresarial que a atividade vem adotando, requer atendimento diferenciado por parte dos Bancos.

O Banco do Brasil, na condição de executor de políticas governamentais e financiador das atividades produtivas em geral, mantém sua tradição de principal apoiador do agronegócio brasileiro. Na realidade de Palmeira, embora existam outras 06 (seis) unidades bancárias, a participação do BB, tanto na concessão de empréstimos, quanto na captação de recursos, tem crescido significativamente.

Diante disso, consideramos que os levantamentos realizados para confecção deste trabalho, tem importância fundamental no planejamento das ações da Agência local, com o propósito de melhor atender a demanda pelos créditos de custeio e investimentos, como também, otimizar a participação nos serviços bancários provenientes do setor, especialmente a captação de recursos financeiros.

### **3. OBJETIVO GERAL**

Diagnosticar o potencial de geração de Agronegócios na região e utiliza-lo na formulação do plano de ações da Agência local do Banco do Brasil

#### **4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS – LEVANTAMENTO DE DADOS**

- Identificar a quantidade de terras disponível para cultivo.
- Levantar o histórico e volume de produção obtido na região.
- Aferir a capacidade de armazenagem existente e a possível necessidade de sua ampliação.
- Obter dados sobre o atual parque de máquinas e se há demanda de ampliação ou reposição.
- Conhecer a demanda efetiva por empréstimos de custeio das safras e investimentos em corretivos e recuperação de solos.
- Informar-se quanto aos mecanismos de comercialização, tradicionais ou modernos, utilizados pela maioria dos produtores.

## **5. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA**

A criação da Freguesia se deu sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, e antes era conhecida como Freguesia Nova, pois na história está ligada a então Freguesia do Tamanduá no topo da Serra de São Luiz do Purunã que, na época, rivalizava em importância com as Freguesias de São José dos Pinhais, Lapa e Castro. Porém a Freguesia de Tamanduá, devido a estar mal situada e com seus habitantes dispersos em grandes distâncias, estava com seus dias contados.

A Freguesia foi então transferida para Palmeira, denominação pela qual era conhecido o capão que lhe deu o nome e também a Fazenda dos avós maternos de Jesuíno Marcondes, Tenente Manoel José de Araújo e sua mulher Dona Maria Conceição de Sá, doadores por ato de 7 de abril de 1819, do terreno onde deveria instalar-se a Nova Freguesia. A população de Tamanduá transferiu-se então para a Freguesia Nova de Nossa Senhora da Conceição, onde muitas ilustres famílias já possuíam propriedades e fazendas. A data de 7 de abril é considerada como data oficial do aniversário da fundação de Palmeira.

### **5.1 Ocupação/colonização**

A região dos Campos Gerais, favorecida pela topografia, foi sendo ocupada desde o início da história da ocupação do Paraná, que nessa época ainda não era província autônoma e pertencia a São Paulo. A província do Paraná foi criada em 1853.

Em seguida à ocupação do litoral e da exploração de ouro e minerais, ocorreu a ocupação do 1º Planalto (região de Curitiba), sendo que, nessa época, o tropeirismo já se fazia presente no caminho entre Viamão (RS) e Sorocaba (SP), a partir de 1750, fazendo suas “paragens” nessas regiões de campos, dando origem a vilas e cidades. Surgiram nessa rota dos Campos Gerais as cidades de Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva e Sengés, no Paraná, e Itararé, esta já em São Paulo.

A movimentação das tropas, principalmente muares, destinava-se a suprir as necessidades de animais para o trabalho em obras (estradas) e transporte (carroções de boiadas), bem como para trabalho o nas fazendas, movimentava a

economia da região e, com sua decadência, por volta de 1870, com a entrada em operação das estradas de ferro, abalou a economia local.

Paralelamente ao tropeirismo, havia uma sociedade patriarcal, latifundiária, escravocrata e empenhada na comercialização de um só produto, o gado criado extensivamente nos campos nativos.

A ocupação das áreas de matas começou a partir de 1600 com a chegada de caboclos, portugueses e mais tarde os russos-alemães, poloneses e italianos.

As principais atividades exercidas nessa época eram: extração de madeira, erva-mate, criação de pequenos animais em faxinais (porcos, cabritos e aves principalmente), os quais eram criados soltos em áreas comuns limitadas por cercas e valos, muitas vezes entre ervais nativos, e se alimentavam basicamente de pastagens nativas e frutos silvestres, necessitando de pouca complementação alimentar.

A erva-mate tinha, nessa época, grande importância econômica devido à grande quantidade nativa existente, chegando a existir uma cooperativa de produtores de erva-mate em Palmeira, denominada Iguamate. Era costume, na época, as pessoas juntarem-se em mutirões para a colheita da erva-mate, trabalho este que reunia entre 50 e 80 colhedores.

Em muitas localidades instalaram-se serrarias, algumas movidas à água, que tiveram grande importância econômica.

### **5.1.1 Colonização Russo-Alemã**

Começou a partir de 1878 com a imigração alemã, vinda da região do rio do Volga, na Rússia, sendo a primeira colônia instalada na localidade de Pugas. Os colonos foram separados por religião, ficando no Lago, Pugas, Santa Quitéria e Alegrete os imigrantes católicos, e em Papagaios Novos e Quero-Quero os luteranos.

Os colonos alemães tiveram preferência pelos campos, por já conhecerem o arado e por não terem tecnologia para trabalhar em terras de matas. Os colonos do Quero-Quero vieram com a intenção de plantar trigo, mas ficaram frustrados, pois as terras eram de baixa fertilidade.

Com a frustração na cultura do trigo, iniciaram a cultura da mandioca, a qual era beneficiada em tafonas, transformando-se em polvilho e farinha. Utilizavam o sistema de trocas, quando permutavam centeio e frutas por erva-mate e açúcar. Eram usados carroções, tracionados por bois, a princípio, e depois por cavalos.

### **5.1.2 Colonização Polonesa**

A imigração européia na Colônia Santa Bárbara começou em 1881, com a chegada dos poloneses vindos de Silésia. Vieram ao Brasil com a promessa de futuro melhor, numa nova Pátria com terras férteis e onde os animais se alimentavam de frutas, segundo os propagandistas da época. Entretanto, encontraram terras de baixa fertilidade, pragas e doenças desconhecidas, além de dificuldades de todo o tipo, inclusive com o idioma.

Receberam auxílio até a primeira colheita, como subsídio. Trabalhavam nas estradas para pagar a terra. As primeiras plantações foram centeio, batata, repolho, milho e feijão. Por falta de experiência para trabalhar em áreas de mato não conseguiam resultados. Tinham como ponto forte a fé e a religiosidade, e logo trataram de buscar uma cultura espiritual educacional para seus filhos, chegando a ter na comunidade um internato de freiras da consagração da Sagrada Família.

### **5.1.3 Colonização Italiana**

No início de 1890 chegaram os primeiros italianos em Santa Bárbara de Cima, onde fundaram uma colônia agrícola experimental chamada Colônia Cecília, destinada a ser um laboratório dos ideais anarco-socialistas do agrônomo e filósofo Giovanni Rossi.

Estabeleceu-se a vivência prática de idéias de liberdade, cooperativismo informal, dentro do espírito anárquico, isto é, sem regras, sem líderes, sem formalidades, tendo apenas a prática da liberdade, solidariedade e a conscientização política. Ali instalou-se inicialmente o grupo pioneiro composto por seis homens e uma mulher. Depois chegaram outras famílias (cerca de 50), segundo

o livro do Dr. Cândido de Mello Neto, “A experiência anarquista de Giovani Rossi”.

A Colônia Cecília, como experiência anarquista, sobreviveu até abril de 1894, quando os remanescentes espalharam-se por várias regiões e grandes centros urbanos (Curitiba, São Paulo), contribuindo decisivamente para o movimento sindical no país.

Algumas famílias italianas permaneceram na região, instalando-se em Santa Bárbara de Baixo, ocupando terras destinadas pelo governo para a colonização. Essas terras vizinhavam com grandes fazendas de descendentes portugueses, que detinham em suas propriedades muitas famílias “agregadas” que, eventualmente, trabalhavam para eles e ganhavam terras para fazer suas roças de subsistência. Cultivavam o milho, feijão, mandioca, centeio, bem como a parreira, de cujas uvas fabricavam, e até hoje produzem, o afamado vinho de Santa Bárbara. Também criavam animais de pequeno porte para a subsistência.

#### **5.1.4 Outras Colonizações**

Outras comunidades, como Pinheiral de Baixo, Pinheiral de Cima, Água Clara e outras, foram colonizadas por etnias diversas como russos alemães, italianos, poloneses e portugueses, que adquiriram suas terras por posse direta do governo, ou compra, sendo que essa colonização foi dispersa, não chegando a formar colônias.

No início do século houve a ocupação africana. Descendentes de escravos libertos colonizaram a localidade conhecida por Sutil, às margens da PR-151, que até meados do século pertencia ao município de Palmeira, hoje integrando o município de Ponta Grossa.

A primeira colonização que aconteceu na primeira metade deste século foi a imigração de russos cossacos, conhecidos por russos brancos, que ocuparam a Colônia Santa Cruz, que hoje também pertence à Ponta Grossa. Esta etnia vive em grupo fechado, mantendo seus costumes, mas notabilizando-se por serem os pioneiros no uso da mecanização agrícola no município.



### **5.1.5 Colônia De Witmarsun**

A Colônia de Witmarsun foi fundada em 1951 por imigrantes e descendentes de alemães, que primeiramente haviam se estabelecido em Santa Catarina, por volta de 1930, fugindo da União Soviética.

Esse povo, de origem alemã, havia ido para a Rússia, região do Volga, para projetos de colonização a convite da Czarina Catarina. Lá organizaram agrovilas e colônias onde tinham grande desenvolvimento agrícola, social e industrial.

Em Santa Catarina não se adaptaram à região por ser muito montanhosa e então decidiram vir ao Paraná. Organizaram-se em Cooperativa, que então comprou a Fazenda Cancela, com 7.800 há, promovendo, assim, a formação da colônia. Com muita fé e perseverança, transformaram as terras inférteis em produtivas áreas, graças ao uso de tecnologia avançada, mecanização e ao desenvolvimento cooperativista.

O nome Witmarsum se deve à homenagem a um grande líder religioso da Reforma Luterana, que havia nascido na cidade de Witmarsum, na região norte da Holanda. Os colonizadores dedicaram-se à obras caritativas e missionárias, dando bastante importância ao ensino, inclusive religioso.

Com o aumento das famílias houve necessidade de aumentar as propriedades e, então, a Cooperativa financiou aos produtores jovens as propriedades, adquirindo uma área de 214 alqueires, que foi dividida em 9 lotes de 50 há cada, formando então sob os auspícios da Cooperativa a Colônia Primavera, totalmente integrada aos costumes da Colônia Witmarsum por laços de sangue e cooperativistas.

6.     **ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO MUNICÍPIO**

    O Município formado predominantemente por pequenas propriedades concentra 91,5% delas na faixa de 1 < 100 hectares, detendo porém somente 27,6% da área total do município nesse extrato. O maior percentual de imóveis, cerca de 24,0% está situado no extrato de 20<50 hectares, concentrando porém nessa faixa somente 5,7% da área total (quadro 1).

**QUADRO 1 – ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO MUNICÍPIO**

Extrato de Área (há)	Imóveis (Nº)	%	Área (há)	%
1<5	442	21,1	1.426	1,2
5<10	393	18,7	3.009	2,6
10<20	347	16,6	5.062	4,3
20<50	502	24,0	6.650	5,7
50<100	222	1,6	15.890	13,6
100<200	101	4,8	13.737	11,8
200<500	59	2,8	17.647	15,1
500<1000	10	0,4	6.639	5,7
1000<2000	12	0,5	15.679	13,5
2000<5000	5	0,2	15.194	13,0
5000<10000	1	0,04	5.534	4,7
Total	2.094	100,0	116.491	100,0

FONTE: IBGE

**QUADRO 2 – COORDENAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA**

MUNICÍPIO	ALTITUDE (metros)	LATITUDE (Sul)	LONGITUDE (W.GR)
Palmeira	864	25°25'02"	49°59'57"

FONTE: IBGE

## 6.1 Clima

O município sofre influência climática da oscilação rítmica das massas de ar da Zona Atlântica.

Segundo Maack, 1968, a temperatura média anual é de 17,6°C, sendo 21,2°C, para o mês mais quente e 13,3°C para o mais frio com ocorrência de temperaturas negativas. Caracteriza-se por verões frescos, geadas severas freqüentes, em estação de seca definida.

Segundo Koeppen= CFB, sempre úmido, clima quente temperado, o mês mais quente < 22°C, onze meses > 10°C, mais de cinco geadas noturnas por ano.

O volume médio de precipitação anual está entre 1.200 a 1.300 milímetros, o que equivale à média mensal de 100 a 108 milímetros, a nível de Estado do Paraná, o volume anual de chuvas está entre 1.700 a 1.800 milímetros. (Tabela 1).

**TABELA 1 – QUADRO DEMONSTRATIVO DE PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA DO MUNICÍPIO DE PALMEIRA – 1985 E 1995** (Em M.M.)

MÊS	ANO	
	1985	1995
JANEIRO	28,8	544,6
FEVERERIO	222,5	198,0
MARÇO	159,5	156,3
ABRIL	133,5	92,3
MAIO	31,0	43,2
JUNHO	14,5	176,6
JULHO	73,5	107,0
AGOSTO	113,0	33,5
SETEMBRO	121,5	256,7
OUTUBRO	118,5	231,2
NOVEMBRO	105,0	81,8
DEZEMBRO	111,5	92,5
<b>TOTAL ANUAL</b>	<b>1.282,0</b>	<b>2.013,7</b>

FONTE: SEAB/DERAL

## 6.2 Topografia

O relevo do município em áreas de culturas anuais é de suavemente ondulado a ondulado. Há ocorrência de relevo fortemente ondulado a montanhoso, em diversas áreas, inclusive com afloramento de rochas.

### **6.3 Hidrografia**

A bacia hidrográfica principal da região é a do Rio Tibagi, o qual vem em direção do Oeste do Rio Tibagi e se incorporando a grande bacia hidrográfica do Rio Paraná. O município sofre influência ainda do Rio Iguaçu o qual também corre em direção ao Oeste.

### **6.4 Classificação Do Solo**

O Paraná é conhecido no País como um Estado de economia predominantemente agrícola, em função da boa fertilidade natural da maioria dos seus solos. É um Estado privilegiado na questão das possibilidades de exploração, uso, ocupação e de produção dos seus solos. Em função de clima em parte quente e úmida, os solos se derivam na meteorização de caráter químico das rochas de forma laterítica.

7. ASPECTOS SOCIAIS

7.1 A população

Os dados apresentados nos censos demográficos feitos em 1980, 1991 e 2000 (Quadro 3), comprovam que o município de Palmeira apresenta situação confortável em relação ao movimento populacional, apresentando uma variação positiva tanto no contingente urbano quanto no rural, com exceção somente no período de 1991 para 2000 quando a população rural sofreu um decréscimo de 4,1%.

QUADRO 3 - COMPARATIVO DE POPULAÇÃO DO PARANÁ E PALMEIRA 1980-1991-2000

POPULAÇÃO	1980				1991				2000				Paraná	Palmeira
	Paraná		Palmeira		Paraná		Palmeira		Paraná		Palmeira		%	%
	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	%	População 1980/2000	População 1980/2000
Urbana	4566755	59	11662	48	6197953	73,3	14870	51,2	7786084	81,4	16908	56	+70,5	+48
Rural	3182997	41	12667	52	2250760	26,7	14160	48,8	1777374	18,6	13579	44	-44,1	+7,2
TOTAL	7749752	100	24329	100	8448713	100	29030	100	9563458	100	30487	100	+23,4	+26,7

Fonte: IBGE- Censo Demográfico

Considerando-se os últimos vinte anos pesquisados (1980-2000), o município apresentou crescimento de 26,7 % na população total, com 48% de variação na urbana e 7,2 % na rural.

Nesse mesmo período o Paraná apresentou uma forte concentração urbana, aumentando em 75% o numero de habitantes nas cidades, enquanto a zona rural experimentava redução significativa com decréscimo de 44,1%, provocando todos os problemas sociais conhecidos.

O número total de habitantes do Paraná, no período considerado (1980-2000), variou cerca de 23,4%, passando de 7.749.752 habitantes em 1980 para 9.563.458 em 2000.

Comparativamente, todos os dados analisados são favoráveis a Palmeira em relação ao Paraná, na população total uma variação de 26,7% contra 23,4 %, na área urbana 48 % contra 70,5%, e na zona rural, um aumento de 7,2% no numero de habitantes em Palmeira, enquanto o Paraná sofreu um êxodo rural de 44,1%.

A questão do inchamento das cidades, com todos os problemas sociais que ele gera, está presente tanto em Palmeira como no Paraná. Porém, enquanto a nível do município a área urbana aumentou sua participação em 3,2% na década de 80 e 4,8 na de 90, no Paraná o crescimento de participação urbana foi de 14,3% na primeira e de 8,1 na segunda. Em relação à zona rural Palmeira perdeu 3,2% dos habitantes na década de 80 e de 4,8% na de 90, enquanto o Paraná perdeu 14,3% na de 80 e 8,1% na de 90.

Em termos percentuais o Paraná aumentou 35,7% sua população urbana na década de 80 e 25,6% na de 90, enquanto a área rural perdeu 29,3% dos seus habitantes na década de 80 e 21% na de 90.

No caso de Palmeira, o crescimento na área urbana foi de 27,5% na década de 80 e 13,8% na de 90, para uma variação positiva também na zona rural de 11,7% na década de 80 e de uma queda de 4,1% na de 90.

Apesar da queda populacional da zona rural na ultima década, o município apresenta variação positiva de 7,2% se analisados os últimos vinte anos.

O êxodo rural está localizado mais entre os jovens na faixa de 16 a 21 anos, que freqüentam a escola regularmente e buscam oportunidades na cidade, principalmente em função das áreas pequenas das propriedades dos seus pais, além da pouca capacidade de investimento na atividade, apesar do avanço na oferta de crédito rural, sobretudo a partir do Programa Nacional da Agricultura Familiar-Pronaf.

#### QUADRO 4 - COMPARATIVO- CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS PARANÁ E PALMEIRA 1985-1996

CONDIÇÃO DO PRODUTOR	1985				1996			
	PARANÁ	%	PALMEIRA	%	PARANÁ	%	PALMEIRA	%
PROPRIETÁRIO	303082	65	1514	72,3	282175	76,2	1341	75
ARRENDATÁRIO	48431	10	300	14,3	26945	7,3	202	11,2
PARCEIRO	69077	15	9	0,4	28117	7,7	14	0,8
OCUPANTE	45807	10	271	13	32638	8,8	230	13
TOTAL	466397	100	2094	100	369875	100	1787	100

FONTE: IBGE- Censo Agropecuário 1985-1996

O controle dos imóveis rurais pelos proprietários, demonstra o interesse deles pela atividade, expectativas positivas em relação ao futuro, preferindo conduzi-los a

transferir para terceiros (arrendatários) o destino da sua propriedade. Isto traz como primeira consequência a busca constante pela inovação, levando ao crescimento do seu negócio.

Outro fator positivo apontado pela pesquisa é que 97,8% das propriedades são administradas pelo produtor e que 75% deles nela residem.

## **8. AGRICULTURA – ÁREA DE PRODUÇÃO**

Com um total de 58.580 hectares de área plantada com grãos na safra 1999/2000 dos quais 50.540 hectares na safra de verão e 8.130 hectares na safra de inverno, o Município obteve uma produção total de grãos de 172.947 toneladas, sendo desse total 162.509 toneladas na safra de verão e 10.438 toneladas na safra de inverno.

Na safra 2000/2001 houve incremento de 3,6% na área plantada e 213,5% na produção obtida no grupo de grãos de verão. Em relação aos grãos de inverno houve uma redução de 29,0% na área e um incremento na produção de 3,1% devido basicamente a fatores como os riscos com as culturas de inverno pelo lado da área e de condições climáticas em relação à produção.

O bom desempenho da safra de grãos de verão vem novamente comprovar a vocação do Município para a produção agrícola, aliado ao uso cada vez mais eficiente da tecnologia disponível pelos produtores.

As mudanças nas áreas de campo (década de 60): Até então os campos de Palmeira estavam ocupados com a exploração da pecuária de corte extensiva, a qual foi sendo substituída no início da década de 60 pelo cultivo do arroz, batata e o trigo. Os pioneiros dessa substituição foram japoneses na região da comunidade de Benfica, Lago e Vilinha principalmente, que adotaram a rotação arroz-trigo ou batata-trigo com início do uso de máquinas, insumos modernos. Nessa mesma época também foram mecanizados e usando insumos estavam os alemães de Witmarsum.

Na década de 70 trabalhou-se na intensificação da motomecanização e introdução das culturas de exportação, aparecendo à binômia soja-trigo. Para isso, utilizou-se da política de crédito rural que fornecia crédito de custeio de lavouras e

para investimento em maquinários, destoca e correção de solo na área agrícola.

Na pecuária foi viabilizada a pecuária leiteira com o chamado PDPL – Plano de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira, para aquisição de animais e instalações, com destaque para o início da formação de linhas leite, com introdução dessa atividade nas comunidades de Papagaios Novos, Quero- Quero, Lago e Witmarsum.

Foi nessa década também o grande salto cooperativista, quando se trabalhou intensamente na organização de comitês educativos nas principais comunidades. Surgiram então as grandes potências cooperativas do Paraná e em Palmeira a consolidação e a formação do entreposto da Coopagrícola..

São da década de 70 os programas de reflorestamento, com incentivos fiscais. Surgiram então grandes áreas reflorestadas com pinus, tanto na região de mata quanto na região de campo.

Já nas áreas desmatadas, onde existiam os faxinais, com suas criações e culturas de subsistência, bem como a exploração de madeira e erva-mate, as atividades foram escasseando e decaindo bastante com a chegada da mecanização e a introdução das culturas de exportação.

Outro fator decisivo na evolução da agropecuária do município de Palmeira, foi à eletrificação rural que foi começada na década de 70 e intensificada na década de 90, abrangendo atualmente 100% das comunidades rurais, o que contribuiu para estancar o êxodo rural que estava havendo e oportunizando melhores condições de vida para a permanência das famílias no meio rural

A atividade responde por 31% da formação do PIB (Produto Interno Bruto) Municipal contra 22% da indústria e 48% da prestação de serviços.

Nos últimos anos a agricultura evoluiu muito com o incremento da mecanização. Palmeira conta com uma importante frota de máquinas atuando no setor.

Todo este aparato, com a constante correção de solos e mais a implantação do sistema de plantio direto por um grande número de agricultores, fizeram a produção agrícola do município crescer fortemente nos últimos anos.



## 8.1 EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA

A agricultura vem apresentando uma crescente evolução tanto no que se refere ao aumento da área como da produção e produtividade obtidas, com um incremento de 181% na área plantada e 193% na produção obtida entre a safra de 84/85 e 01/02 (Tabela 2).

**TABELAS 02 – COMPARATIVO DE ÁREA E PRODUÇÃO DE GRÃOS – SAFRAS 1999/2000 – 2000/2001 – 2001/2002**

Produtos Grãos de Verão	Área (há)			Produção(t)		
	99/00	00/01	Var.(%)	99/00	00/01	Var.(%)
Arroz (Sequeiro)	300	100	-67,0	450	198	-56,0
Feijão (Águas)	2.300	1.800	-21,7	1.932	2.160	11,8
Feijão (Secas)	850	350	-58,8	527	332	-37,0
Milho(Normal)	14.000	16.000	14,3	67.200	96.000	42,8
Soja(Normal)	33.000	34.000	3,0	92.400	102.000	10,3
Total Verão	50.450	52.250	3,6	162.509	200.690	23,5
Produtos Grãos de Inverno	Área (há)			Produção(t)		
	99/00	00/01	Var.(%)	99/00	00/01	Var.(%)
Aveia	500	600	20,0	540	780	44,4
Centeio	130	50	-61,5	130	65	-50,0
Cevada	1.500	1.522	1,4	2.602	3.500	34,4
Trigo	1.900	2.500	31,5	3.230	4.337	34,2
Triticale	4.100	1.100	-73,1	3.936	2.090	-47,0
Total Inverno	8.130	5.772	-29,0	10.438	10.772	3,1
Total Grãos	58.580	58.022	-0,9	172.947	211.462	22,2

Produtos Grãos de Verão	Área (há)			Produção(t)		
	00/01	00/02	Var.(%)	00/01	01 / 02	Var.(%)
Arroz (Sequeiro)	100	100	0,00	198	160	-19,19
Feijão (Águas)	1.800	1.900	5,56	3.500	2.157	-38,37
Feijão (Secas)	350	300	-14,29	2.160	2.090	-3,24
Milho(Normal)	16.000	12.300	-23,13	96.000	75.020	-21,85
Soja(Normal)	34.000	37.700	10,88	102.000	109.330	7,19
Total Verão	52.250	52.300	0,10	203.858	188.757	-7,41
Produtos Grãos de Inverno	Área (há)			Produção(t)		
	00/01	01/02	Var.(%)	00/01	½	Var.(%)
Aveia	500	500	0,0	1.200	80	44,4
Centeio	50	30	-40,0	1.200	900	-50,0
Cevada	1.527	5.800	279,83	2.300	1.240	34,4
Trigo	2.500	3.000	20,0	1.820	1.240	34,2
Triticale	1.100	1.500	36,36	3.936	2.090	-47,0
Total Inverno	5.677	10.830	90,77	10.456	5.550	3,1
Total Grãos	58.580	58.022	-0,95	214.314	194.307	-9,34

TABELA 03 - VARIAÇÃO OCORRIDA NA ÁREA E PRODUÇÃO NAS SAFRAS DE 84/85 E 01/02 NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA

CULTURAS	ÁREA			PRODUÇÃO (t)		
	84/85	01/02	%	84/85	01/02	%
SOJA	12500	37700	+201	28562	109330	+282
MILHO	10300	12300	+19	26250	75020	+186
FEIJÃO DAS ÁGUAS	6500	1900	-242	6256	2090	-200
FUMO	630	1350	+114	1669	2970	+78
BATATA DAS ÁGUAS	250	300	+20	2500	6000	+140
ARROZ SEQUEIRO	2500	100	-2400	3030	160	-1793
CONJUNTO CULTURAS	36008	65316	+181	71668	209707	+193

Fonte:SEAB/DERAL

A cultura com maior evolução tanto na área plantada como na produção obtida é a soja com um incremento de 201% na área e de 282% na produção, seguida do fumo com 114% na variação da área e de 78% na produção.

O desempenho negativo fica por conta do arroz de sequeiro com uma

redução de 2.400% na área e de 1.793% na produção. Além de arroz, o feijão é a cultura que mais perdeu espaço no período analisado com redução de 242% na área e de 200% na produção.

As culturas da batata e milho apesar de apresentarem variação de apenas 20% e 19% respectivamente, apresentaram uma variação significativa na produção, com 140% para a primeira e de 186% para a segunda, devido aos ótimos ganhos de produtividade, graças ao avanço da tecnologia para as culturas.

A consolidação da cultura de soja como a mais importante dentro do contexto agrícola do município mantém-se até o momento, com incremento na área plantada de 22.8% na safra 03/04 em relação a 01/02.

**TABELA 04 - EVOLUÇÃO DA ÁREA PLANTADA DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA NO PERÍODO DE 1985 – 2002 (HECTARES)**

<b>Culturas</b>	<b>84/85</b>	<b>85/86</b>	<b>86/87</b>	<b>87/88</b>	<b>88/89</b>	<b>89/90</b>	<b>90/91</b>	<b>91/92</b>	<b>92/93</b>	<b>93/94</b>	<b>95/96</b>	<b>96/97</b>	<b>97/98</b>	<b>98/99</b>	<b>99/00</b>	<b>00/01</b>	<b>01/02</b>
<b>Arroz sequeiro</b>	2500	2500	2500	2500	2000	1800	1600	1200	1200	1000	1000	500	400	400	350	100	100
<b>Aveia</b>	380	250	300	400	400	400	800	1500	1500	1500	840	2000	2500	845	500	500	500
<b>Batata das águas</b>	250	130	130	350	250	130	220	760	300	560	600	750	600	700	600	400	300
<b>Batata das secas</b>	--	50	50	120	75	80	230	250	290	280	300	680	650	750	550	400	400
<b>Cebola</b>	70	80	80	80	70	90	100	150	80	90	80	80	80	80	80	24	40
<b>Centeio</b>	150	30	30	30	30	24	25	25	25	60	120	200	200	130	130	50	30
<b>Cevada</b>	778	2400	1800	1690	1820	2010	1350	1600	500	1022	1147	1665	3584	2540	1500	1527	5800
<b>Feijão águas</b>	6500	7500	8000	6500	5500	6000	6000	5000	4500	4500	4800	2500	2000	2500	2300	1800	1900
<b>Feijão secas</b>	60	150	-	186	120	150	250	300	400	450	650	715	500	750	850	350	300
<b>Fumo</b>	630	800	800	1100	1081	930	930	1300	2400	2150	2135	2200	2630	1360	1350	1300	1350
<b>Mandioca</b>	65	65	120	80	80	80	80	80	80	80	80	90	90	90	90	90	90
<b>Milho normal</b>	10500	12000	15000	12000	12000	12500	15500	19000	17000	16000	18000	15000	14000	12500	14000	16000	12300
<b>Milho safrinha</b>	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	500	500	---	---	---	---
<b>Soja</b>	12500	10000	10000	12200	13500	13000	10000	16500	18500	20000	21000	27981	30000	32500	33000	34000	37700
<b>Trigo</b>	1619	8971	8160	7830	7830	8200	7500	3800	3500	2000	1300	6000	1750	850	1900	2500	3000
<b>Triticale</b>	---	---	---	20	160	565	800	1000	1500	1200	2300	2500	3000	200	4100	1100	1500
<b>Alho</b>	6	6	4	4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5

FONTE: SEAB/DERAL

TABELA 05 - PRODUTIVIDADE (Kg/ha) OBTIDA DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO NO PERÍODO 1985-2002

Culturas	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02
Arroz sequeiro	1212	1200	2200	1300	1320	1600	543	1600	1500	1600	1700	1735	1800	1735	1600	1500	1980	1600
Aveia	900	1200	900	1000	1000	1800	1430	667	1100	900	800	850	1800	1000	1200	1200	1200	80
Batata das águas	10000	11400	12000	12000	12500	12000	15000	15000	17000	15000	16000	19600	1600	19628	16000	19000	2000	20000
Batata das secas	---	9200	22000	10000	12000	11000	16000	12000	13180	17300	18500	8264	18600	13429	16500	15000	16500	18600
Cebola	5000	4000	5000	4000	4000	8000	4000	5000	6000	5500	7000	7000	11446	5000	6000	7000	6000	8000
Centeio	---	1200	1000	1200	1300	2000	1120	1480	1600	1800	1000	1000	7000	991	1300	1000	1200	900
Cevada	1200	1800	2000	2400	1680	2500	1700	1950	2000	2133	1735	1735	1000	2100	2300	1735	2300	1240
Feijão águas	962	500	360	600	300	589	600	720	750	900	500	1240	2727	793	1000	840	1200	1100
Feijão secas	400	360	---	845	1330	900	1000	400	900	554	800	743	1000	900	870	620	950	900
Fumo	2649	2500	2100	2100	2146	1980	1950	2153	2000	1780	1600	1680	620	1200	2000	1900	2050	2200
Mandioca	15000	15000	20000	20000	20000	20000	20000	22500	20000	20000	20000	20000	1900	16000	15000	14000	18000	18000
Milho normal	2500	1920	3200	2700	2850	3300	2600	3600	3658	3600	4110	4046	1800	4000	4340	4800	6000	6100
Milho safrinha	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	2231	4000	2650	---	---	---	---
Soja	2285	1900	1845	2200	2100	2000	2100	2500	2700	2684	2850	2500	1486	2727	2600	2800	3000	2900
Trigo	1200	1500	1900	2000	1700	2400	1134	1736	1900	2000	1363	1363	2720	2000	2000	1700	1820	1240
Triticale	---	---	---	2300	2400	2975	765	2000	2300	2200	1860	1860	2000	1380	1800	1600	1900	1100
Alho	2000	1500	2000	2000	1800	3000	1750	1500	2000	2800	2200	2600	2480	2600	2000	2400	2400	2400

FONTE: SEAB/DERAL

**TABELA 06 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO NO PERÍODO DE 1985 – 2002**  
(TONELADAS)

Culturas	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02
<b>Arroz sequeiro</b>	3030	2700	5500	3250	2587	2880	870	1920	1800	1600	1700	867	720	696	640	450	198	160
<b>Aveia</b>	68	300	270	400	400	7200	715	2250	1650	1350	672	670	4000	255	608	540	600	160
<b>Batata das águas</b>	2500	1482	1560	4200	3125	1560	3300	11400	5100	8400	12000	14700	11600	11776	11200	10640	8000	6000
<b>Batata das secas</b>	-	460	1100	1200	900	880	3680	3000	3822	4844	5550	5619	7440	9400	12375	8250	6600	7440
<b>Cebola</b>	350	320	400	320	280	720	400	750	480	495	560	580	560	400	480	560	144	320
<b>Centelo</b>	30	30	26	36	39	48	28	37	40	108	120	110	200	198	169	130	60	11
<b>Cevada</b>	934	4320	3600	4320	2839	5025	2295	3120	1000	2180	1990	1900	9773	6945	5842	2602	3500	2157
<b>Feijão águas</b>	6256	3740	2880	3900	1635	1780	3600	3600	3375	4050	2400	3100	2000	1609	2750	1932	2160	2090
<b>Feijão secas</b>	24	54	-	157	160	135	250	120	360	360	520	531	310	540	535	527	332	270
<b>Fumo</b>	1669	2000	1680	2310	2321	1841	1841	2800	4800	3825	3418	3630	4997	2024	2720	2565	2665	2970
<b>Mandioca</b>	975	975	2400	1600	1600	1600	1600	1800	1600	1600	1600	1700	1620	1440	1350	1260	1530	1620
<b>Milho normal</b>	26250	23040	48000	32400	34200	41250	40300	68400	61200	57600	74000	60690	56000	52000	54250	67200	96000	75020
<b>Milho safrinha</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1115	743	795	-	-	-	-
<b>Soja</b>	28562	19000	18450	25960	28350	26000	21000	41250	49950	53692	59850	69952	81600	86636	84500	92400	102000	109330
<b>Trigo</b>	1943	16148	16874	13311	13311	19680	8500	6600	6650	4000	1772	1700	3500	2000	1700	3230	4050	1488
<b>Triticale</b>	---	---	---	46	384	1681	612	2000	3450	2640	4278	4200	7440	1104	360	3936	1881	660
<b>Alho</b>	11	13	12	13	10	12	12	12	12	9	8	6	7	12	7	6	8	11

FONTE: SEAB/DERAL

**TABELA 07 - COMPARATIVO DA VARIAÇÃO NA ÁREA OCORRIDA NO PARANÁ E PALMEIRA NAS SAFRAS 01/02 -02/03 E 03/04**

PRODUTO	PARANÁ			VARIAÇÃO		PALMEIRA			VARIAÇÃO	
	½ (A)	02/03 (B)	03/04 (C)	b/a	c/b	01/02 (A)	02/03 (B)	03/04 (C)	b/a	c/b
FEIJÃO (1ª safra)	390.588	384.950	366.376	(1,4)	(4,8)	1.800	2.200	2.100	(22,2)	(4,5)
MILHO (normal)	1.520.462	1.476.676	1.353.500	(2,9)	(8,3)	16.000	11.700	9.945	(26,8)	(15,0)
SOJA (normal)	3.299.933	3.619.135	3.896.753	9,7	7,7	34.000	40.000	41.755	17,6	4,3
FUMO	41.890	50.220	58.932	19,9	17,3	1.300	1.978	2.076	52,1	5,0
BATATA (1ª safra)	20.483	17.590	16.885	(14,1)	(4,0)	400	320	310	(20,0)	(3,1)
CEVADA	48.750	54.173	58.500	15,9	8,0	5.800	4.160	4.000	(28,2)	(3,8)
TRIGO	1.035.501	1.181.005	1.148.006	14,1	(2,8)	3.000	3.000	2.800	-	(6,7)
TRITICALE	72.757	64.050	58.268	(12,0)	(9,0)	1.500	700	500	(53,3)	(28,5)

FONTE: SEAB/DERAL

O destaque negativo das três últimas safras é a cultura do milho que apresentou decréscimos sucessivos no plantio tanto no Paraná como em Palmeira. No Paraná o decréscimo foi 10,9%, e em Palmeira 37,8%, devido basicamente a rentabilidade obtida ter ficado abaixo das expectativas dos produtores (Tabela 6).

As três últimas safras analisadas do Paraná e Palmeira somente as culturas de soja e fumo apresentaram variação positiva na área plantada, com destaque para o fumo que apresentou um acréscimo de 40,6% a nível de Paraná e 59,6% em Palmeira no período de 01/02 a 03/04 (Tabela 3). A soja plantada no Paraná variou 18% e em Palmeira 22,8%, nas três últimas safras.

A produtividade média obtida apresentada na tabela 7, comparando-se o Brasil, Paraná e Palmeira, demonstra que Palmeira compara-se em termos de produtividade tanto ao Brasil como ao Paraná, com bom nível de tecnológico sendo no município empregado conforme demonstram as produtividades das culturas analisadas.

**TABELA 08 - COMPARATIVO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA DAS PRINCIPAIS CULTURAS – 2002**

CULTURAS VERÃO	BRASIL	PARANÁ	PALMEIRA	UNIDADE
Arroz Sequeiro	3.233	1.995	1.600	Kg/há
Batata	17.086	18.193	20.000	Kg/há
Cebola	16.263	16.263	8.000	Kg/há
Feijão	723	1.098	1.100	Kg/há
Fumo	1.831	1.939	2.200	Kg/há
Mandioca	13.752	20.822	18.000	Kg/há
Milho (normal)	3.311	4.920	6.100	Kg/há
Soja (normal)	2.698	3.070	2.900	Kg/há
<b>CULTURAS INVERNO</b>				
Aveia	1.433	1.110	1.500	Kg/há
Centeio	1.313	1.287	1.600	Kg/há
Cevada	2.455	2.470	2.800	Kg/há
Trigo	2.025	2.045	2.800	Kg/há
Triticale	2.070	2.197	2.800	Kg/há

FONTE: SEAB/DERAL

A cultura da soja é a que vem oferecendo maior rentabilidade aos produtores do município, com boa liquidez, sem problemas no processo de comercialização. Além da soja, a cultura do milho também ofereceu, sobretudo nas duas últimas safras, boa rentabilidade aos produtores, com a oscilação na área de plantio estando diretamente relacionada a concorrência com a soja. As culturas de feijão, batata e fumo, intercalam resultados positivos e negativos, com as duas primeiras sofrendo maiores oscilações em decorrência da alta sensibilidade do mercado, onde o efeito oferta é o fator determinante para a definição dos preços, ou seja, a oferta maior que a demanda tem provocado queda imediata dos preços, não sofrendo influências diretas do efeito renda devido a sua inelasticidade. Em função dessa variável inerente as situações do mercado as variações na área a ser plantada serão determinadas pelo desempenho anterior da safra. Na cultura do fumo a questão do mercado sofre influência direta das empresas fumageiras, sendo elas quem define o tamanho da safra, de forma a evitar que a pressão de oferta exagerada derrube os preços e com ele a rentabilidade dos produtores. Hoje esta cultura ainda é que oferece melhor resultado aos mini e pequenos produtores.



## **9. MUDANÇAS NA BASE TÉCNICA A PARTIR DO FINAL DOS ANOS 60.**

A modernização e a industrialização da agricultura são processos definidores das transformações ocorridas no setor, os quais refletiram na essência as transformações capitalistas na base técnica da produção natural da produção e superação do estágio natural da produção à medida em que passa a se envolver mais intensamente no circuito de reprodução do capital industrial. Nesse sentido o final dos anos 60 é um marco na evolução recente do setor, uma vez que foram estabelecidas as bases para a formação da agricultura moderna e empresarial, para a qual foi fundamental uma estreita relação com o Estado através de suas instituições e dos instrumentos de política agrícola. A atenção neste capítulo estará concentrada no comportamento estrutural do setor a partir do final da década de 60.

Um primeiro aspecto a ser observado diz respeito à crescente desvinculação da agricultura de suas condições naturais, passando o setor a depender cada vez mais da indústria à medida em que é nessa esfera que os novos meios de produção são gerados. Ou seja, o processo de inovação ocorrido na agricultura passa a ser gerado no âmbito da indústria. Esse entendimento diz respeito não apenas às novas técnicas de cultivo mas principalmente ao maior uso de equipamentos e insumos modernos na forma de tratores, colheitadeiras e acessórios, defensivos e fertilizantes. Esse processo resultou num salto qualitativo e quantitativo no processo de produção, uma vez que as atividades passam a ser mecanizadas não mais em função da substituição da força física, mas substituindo, por exemplo, a habilidade manual. Este salto qualitativo no processo de modernização da agricultura brasileira ocorre nos anos 60, quando se introduz a mecanização de todo o processo produtivo, do plantio à colheita.

Uma das formas de se observar o processo de modernização pode ser através da análise da elevação do consumo intermediário da agricultura, indicando a crescente dependência da agricultura em relação aos insumos produzidos pelo setor industrial. O crescimento intermediário como porcentagem do valor bruto da produção agropecuária, passa de pouco mais de 20% em 1960 para 40% em 1980. O período em questão é justamente caracterizado como o da industrialização do setor, com efeito,

qualitativamente mais complexo sobre o processo de produção agrícola. O Estado desempenhou um papel muito importante nesta evolução, de um lado estimulando a expansão das indústrias e de outro lhes assegurando mercados por meio da política de financiamento.

A década de 60 é tida como referência para o desencadeamento em larga escala dessas transformações. Esse processo histórico foi caracterizado em 1990 como a passagem do chamado “complexo rural” para uma dinâmica comandada pelos “complexos agroindustriais”. Em torno dos CAIs foi consolidada uma nova rede de relações entre as atividades e seus agentes. A agricultura passa a ser vista não mais como um setor da economia mas como um segmento presente em vários complexos. Nesse sentido as relações deixam de ser apenas comerciais se tornando mais diversificadas e envolvendo uma aproximação contratual ou institucional no interior dos complexos. Dessa forma a emergência de um novo quadro de relações a partir da dinâmica dos CAIs aproxima a agricultura da indústria propiciando o surgimento de uma nova divisão do trabalho, e de especialização da produção agrícola. O conjunto da produção agropecuária vai aos poucos perdendo sua identidade como setor na medida em que passa a ser constituído por diferentes complexos de acordo com as características de cada atividade.

No contexto desse processo, as transformações estruturais não podem ser vistas apenas à luz da utilização de insumos industriais na produção. Mais do que isso a agricultura transforma-se em ramo de produção semelhante à indústria, adquirindo determinados insumos e produzindo matérias-primas para outros ramos da produção. A agricultura transforma-se em ramo de produção semelhante à indústria, ou seja, na medida em que adquire determinados insumos e produz matérias-primas para outros ramos de produção. A alteração em relação à força de trabalho, que passa a ser coletivizada; também é considerada importante nesse processo de mudança. A agricultura industrializada integra-se a outros ramos da produção, passando a depender dos insumos que recebe de outras indústrias, e produzindo não apenas bens de consumo final, mas bens intermediários ou matérias-primas para outras indústrias de transformação. Essa industrialização sucede a então chamada modernização agrícola,

mediante a incorporação do setor de bens de capital e da formação de mercado de trabalho assalariado.

Na avaliação desse processo de evolução do setor agrícola, a modernização do setor caracteriza-se por mudanças quanto à mecanização por exemplo. Neste sentido o aumento do número de tratores indica que o setor passa a depender gradativamente menos da força física ou animal no processo produtivo.

**TABELAS 09 – ÁREA E PRODUÇÃO – SAFRA 00/01 – COMPARATIVO PARANÁ – NÚCLEO REGIONAL DE PONTA GROSSA E MUNICÍPIO DE PALMEIRA**

Produtos Grãos Verão	Paraná (A)		N.R.P.Grossa (B)		Palmeira(C )		Palmeira (%)			
	Área (há)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (há)	Produção (t)	Área (ha)		Produção (t)	
							C/A	C/B	C/A	C/B
Arroz (Sequeiro)	64.875	112.240	2.960	5.348	100	198	0,15	3,8	0,08	3,70
Feijão (Águas)	323.602	394.083	30.620	42.234	1.800	2.160	0,55	5,90	0,54	5,11
Feijão (Secas)	81.285	116.348	20.860	43.871	350	332.	0,43	1,67	0,28	0,75
Milho (Normal)	1.874.285	9.490.958	225.380	1.332.770	16.000	96.000	0,85	7,1	1,01	7,20
Soja (Normal)	2.800.841	8.623.142	248.550	772.105	34.000	92.400	1,21	13,7	1,07	11,96
Total	5.144.888	18.747.545	528.370	2196.328	52.250	200.690	1,01	1,01	1,07	9,13
Produtos Grãos Inverno	Paraná (A)		N.R.P.Grossa (B)		Palmeira(C )		Palmeira (%)			
	Área (há)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (há)	Produção (t)	Área (ha)		Produção (t)	
							C/A	C/B	C/A	C/B
Aveia	177.901	220.558	125.600	49.658	600	780	0,33	0,48	0,35	1,57
Centeio	980	1.403	80	96	50	65	5,10	62,50	4,63	67,7
Cevada	43.597	83.443	10.800	25.920	1.522	3.500	3,50	14,0	4,19	13,5
Trigo	852.434	1.602.242	83.630	263.435	2.500	4.337	0,29	3,0	0,27	1,6

Triticale	89.332	197.435	13.150	39.450	1.100	2.090	1,23	8,4	1,05	5,3
Total (Inverno)	1.164.244	2.105.081	233.260	378.559	5772	10.772	0,49	2,48	0,51	2,84
Total Grãos	6.309.132	20.852.626	761.630	2.574.887	58.022	211.462	0,91		1,01	

Fonte: Deral Palmeira

# **10. CRÉDITO RURAL = EVOLUÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS CONTRATADOS PELO BANCO DO BRASIL – AGÊNCIA DE PALMEIRA (PR)**

O volume de aplicações do Banco do Brasil na agropecuária do município vem a cada ano contribuindo de forma decisiva para o avanço da atividade, consolidando seu espaço dentro do cenário estadual.

Conforme demonstrado nas tabelas 10, 11, 12,13 e 14, do total de recursos aplicados pelo Banco do Brasil no período da safra 98/99 a safra 03/04 cerca de 99,6% foi destinado ao custeio agrícola e 0,4% para o custeio pecuário. Do total dos recursos 24% é composto por mini e pequenos produtores enquanto os demais produtores receberam 76% dos recursos.

O baixíssimo nível de inadimplência comprova que com taxa de juros adequada e limite de crédito individual ajustado a capacidade de pagamento do produtor, é possível contribuir para o desenvolvimento da agropecuária sem provocar desajustes financeiros aos produtores, com a tomada de empréstimos fora da sua capacidade de pagamento como já ocorreu em anos anteriores, onde a tomada de empréstimos era uma forma de endividamento e não de desenvolvimento, como se espera. As tabelas subseqüentes apresentam discriminadamente por safra a aplicação dos recursos.

**TABELAS 10 – RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA POR ATIVIDADE – POSIÇÃO: 31/12/1999.**

	Custeio		Investimento		Total	
Atividade	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor
Agrícola	811	6.836.325	31	607.692	842	7.444.017
Pecuária	3	22.464	1	23.200	4	45.664
Total	814	6.858.789	32	630.892	846	7.489.681

Portes dos Produtores	Nº de Contratos	Valor
Mini	264	351.678
Pequeno	183	895.083
Demais Produtores	399	6.242.920
Total	846	7.489.681

PRODUTO	Nº Contratos	Valor	% Valor
BNDES Rural	10	121.402	1,62
Custeio Agropecuário	200	4.568.806	61,00
FINAME Rural	10	405.363	5,41
Invest. Agropecuário	2	22.330	0,30
PROGER Rural	178	1.493.696	19,94
Agricultura Familiar	446	878.083	11,72
MODALIDADES	Nº Contratos	Valor	% Valor
Custeio Agropecuário MCR 6.2.	79	1.825.755	24,38
Custeio Agropecuário MCR 6.4	121	2.743.051	36,62
Invest. Agropecuário MCR 6.2	2	22.330	0,30
PROGER Rural Custeio	169	1.412.641	18,86
PROGER Rural Investimento	9	81.055	1,08
PRONAF Custeio Grupo C	287	312.363	4,17
PRONAF Custeio Grupo D	158	564.978	7,54
BNDES PRONAF Convencional D	1	742	0,01
BNDES Rural Demais Programas	10	121.402	1,62

FINAME Equipamentos Irrigação	3	129.950	1,74
FINAME Rural Demais Programas	7	274.414	3,68
Total	846	7.489.681	100 %

ITEM FINANCIADO	Nº Contratos	Valor	% Valor
Bovinocultura de Corte	1	14.321	0,19
Cultura de Inverno	18	241.468	3,22
Feijão	54	72.288	0,97
Máquinas e Equipamentos – Investimento Agrícola	16	464.893	6,21
Máquinas e Equipamentos – Investimento Pecuário	1	23.200	0,31
Melhoramentos das Explorações – Investimento Agrícola	14	138.974	1,86
Milho	326	1.733.493	23,15
Soja	415	4.797.308	64,05
Veículos – Investimento Agrícola	1	3.825	0,05
Total	846	7.489.770	100 %

TABELAS 11 – RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA - POR ATIVIDADE – POSIÇÃO: 31/12/2000.

Atividade	Custeio		Investimento		Total	
	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor
Agrícola	1.001	11.340.081	31	557.197	1032	11.897.277
Pecuária	1	15.411	2	92.000	3	107.411
Total	1002	11.355.491	33	649.197	1.035	12.004.688

Portes dos Produtores	Nº de Contratos	Valor
Mini	440	789.507
Pequeno	209	1.002.853
Demais Produtores	386	10.212.327
Total	1.035	12.004.687

PRODUTO	Nº Contratos	Valor	% Valor
BNDES Rural	07	103.161	0,86
Custeio Agropecuário	248	8.353.927	69,59
FINAME Rural	10	360.335	3,00
PROGER Rural	188	1.998.082	16,64
PRONAF Agricultura Familiar	569	1.065.681	8,88
PRONAF Reforma Agrária	13	123.500	1,03
Total	1.035	12.004.686	100%
MODALIDADES	Nº Contratos	Valor	% Valor
Custeio Agropecuário MCR 6.2.	118	4.385.835	36,53
Custeio Agropecuário MCR 6.4	130	3.968.092	33,06
PROGER Rural Custeio	163	1.748.178	14,57
PROGER Rural Investimento	3	62.200	0,52
PRONAF Custeio Grupo C	404	498.539	4,15
PRONAF Custeio Grupo D	116	390.363	3,25
PRONAF/FAT Investimento Reforma Agrária	13	123.500	1,03
PROGER Rural Rápido	22	187.704	1,56
PRONAF Rural Rápido Grupo D	49	176.780	1,47
BNDES Rural Demais Programas	7	103.161	0,86
FINAME Equipamentos Irrigação	6	114.155	0,95
FINAME MODERFROTAS	3	196.180	1,63
FINAME Proleite	1	50.000	0,42
Total	1.035	12.004.687	100 %

ITEM FINANCIADO	Nº Contratos	Valor	% Valor
Bovinocultura de Corte	1	15.411	0,13
Cultura de Inverno (exceto inverno)	1	12.106	0,10
Custeio Agrícola Demais	1	37.399	0,31
Feijão	6	11.082	0,09
Máquinas e Equipamentos – Investimento Agrícola	10	320.535	2,67
Melhoramentos das Explorações – Investimento Pecuário	2	92.000	0,77
Melhoramentos das Explorações – Investimento Agrícola	21	236.661	1,97
Milho	574	4.166.188	34,70
Soja	418	6.971.509	58,08
Trigo	1	141.787	1,18
Total	1.035		100 %

TABELAS 12 – RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA - POR ATIVIDADE – POSIÇÃO: 31/12/2001.

	Custeio		Investimento		Total	
Atividade	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor
Agrícola	957	9.986.740	88	1.785.749	1.045	11.772.488
Pecuária	2	23.946	10	215.707	12	239.653
Total	959	11.355.491	98	2.001.456	1.057	12.012.142

Portes dos Produtores	Nº de Contratos	Valor
Mini	561	1.636.566
Pequeno	131	917.775
Demais Produtores	365	9.457.801
Total	1.057	12.012.142



PRODUTO	Nº Contratos	Valor	% Valor
BNDES Rural	12	159.988	1,33
Custeio Agropecuário	254	7.410.354	61,70
FINAME Rural	36	993.278	8,27
Investimento Agropecuário	4	119.409	0,99
PROGER Rural	185	1.674.345	13,94
PRONAF Agricultura Familiar	546	1.379.268	11,48
PRONAF Ref Agrária Planta Brasil	20	275.500	2,29
Total	1.057	12.012.142	100%
MODALIDADES	Nº Contratos	Valor	% Valor
Custeio Agropecuário MCR 6.2.	133	4.200.077	34,99
Custeio Agropecuário MCR 6.4	121	3.210.277	26,74
Investimento Agropecuário	04	119.409	0,99
PROGER Rural Custeio	59	741.982	6,18
PROGER Rural Investimento	08	87.520	0,73
PRONAF Custeio Grupo C	416	632.733	5,27
PRONAF Custeio Grupo D	06	20.109	0,17
PRONAF FAT AGREGAR	01	15.000	0,12
PRONAF/TN Investimento Reforma Agrária	20	275.500	2,29
PROGER Rural Rápido	118	844.844	7,03
PRONAF Rural Rápido Grupo D	106	360.665	3,00
BNDES PROFRUTA	01	7.200	0,06
BNDES Convencional Grupo C	17	350.761	2,92
BNDES Rural Demais Programas	11	152.788	1,27
FINAME MODERFROTAS	34	981.380	8,17
FINAME Proleite	01	5.598	0,05
FINAME Rural Demais Programas	01	6.300	0,05
Total	1.057	12.012.142	100 %

ITEM FINANCIADO	Nº Contratos	Valor	% Valor
Bovinocultura de Leite	01	5.768	0,05
Bovinocultura Mista	04	69.778	0,58
Custeio Agrícola Demais	04	125.151	1,04
Feijão	04	8.969	0,07
Formação de Culturas Perenes	01	10.000	0,08
Máquinas e Equipamentos – Investimento Agrícola	41	1.076.900	8,97
Máquinas e Equipamentos – Investimento Pecuário	01	5.598	0,05
Melhoramentos das Explorações – Investimento Pecuário	06	158.509	1,32
Melhoramentos das Explorações – Investimento Agrícola	45	692.549	5,77
Milho	554	4.095.130	34,09
Soja	395	5.757.490	47,93
Veículos – Investimento Agrícola	1	6.300	0,05
Total	1.057	12.012.142	100 %

**TABELAS 13 – RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA - POR ATIVIDADE – POSIÇÃO: 31/12/2002.**

	Custeio		Investimento		Total	
Atividade	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor
Agrícola	1.008	9.121.378	158	2.795.000	1.166	11.916.378
Pecuária	03	82.158	25	326.437	28	408.595
Total	1.010	9.203.536	183	3.121.437	1.194	12.324.973

Portes dos Produtores	Nº de Contratos	Valor
Mini	700	1.730.144
Pequeno	236	1.900.118
Demais Produtores	258	8.694.711
Total	1.194	12.324.973

PRODUTO	Nº Contratos	Valor	% Valor
BNDES Rural	15	468.745	3,80
Custeio Agropecuário	197	6.736.152	54,65
FINAME Rural	31	1.158.982	9,40
Investimento Agropecuário	05	215.709	1,75
PROGER Rural	213	1.606.996	13,04
PRONAF Agricultura Familiar	707	2.096.128	17,01
PRONAF Reforma Agrária	25	32.761	0,27
PRONAF Reforma Agrária Planta Brasil	01	9.500	0,08
Total	1.194	12.324.973	100%
MODALIDADES	Nº Contratos	Valor	% Valor
Custeio Agropecuário MCR 6.2.	83	3.061.255	24,84
Custeio Agropecuário MCR 6.4	114	3.674.897	29,82
Investimento Agropecuário	05	215.709	1,75
PROGER Rural Custeio	01	9.596	0,08
PROGER Rural Investimento	14	163.067	1,32
PRONAF Custeio Grupo C	504	689.529	5,59
PRONAF Investimento Grupo C	42	148.757	1,21
PRONAF Investimento Grupo D	73	910.247	7,39
PRONAF FAT Custeio Reforma Agrária	04	8.000	0,05
PRONAF/TN Custeio Reforma Agrária	21	24.761	0,20
PRONAF TN Investimento Grupo A	01	9.500	0,08
PROGER Rural Rápido	198	1.434.333	11,64
PRONAF Rural Rápido Grupo D	86	301.165	2,44
BNDES PROARMAZENAGEM	02	157.423	1,28
BNDES PRODECAP	02	46.632	0,38
BNDES PRONAF Convencional Grupo C	02	46.430	0,38
BNDES Rural Demais Programas	11	264.690	2,15
FINAME MODERFROTAS	29	964.942	7,83
FINAME Rural Demais Programas	02	194.040	1,57
Total	1.194	12.324.973	100 %

ITEM FINANCIADO	Nº Contratos	Valor	% Valor
Bovinocultura de Corte	03	86.314	0,70
Bovinocultura de Leite	05	53.344	0,43
Custeio Agrícola Demais	08	548.596	4,45
Feijão	03	8.117	0,07
Investimento Agrícola – Demais Aplicações	79	597.929	4,85
Máquinas e Equipamentos – Investimento Agrícola	58	1.574.199	12,77
Máquinas e Equipamentos – Investimento Pecuário	01	5.000	0,04
Melhoramentos das Explorações – Investimento Pecuário	19	263.937	2,14
Melhoramentos das Explorações – Investimento Agrícola	21	622.872	5,05
Milho	541	2.758.018	22,38
Soja	454	5.656.646	45,90
Trigo	02	150.000	1,22
Total	1.194	12.324.972	100 %

**TABELAS 14 – RESUMO DAS CONTRATAÇÕES REALIZADAS PELA AGÊNCIA DE PALMEIRA - POR ATIVIDADE – POSIÇÃO: 02/01/2004.**

Atividade	Agrícola		Pecuária		Total	
	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor
Custeio	1.429	20.332.549	09	120.844	1.438	20.453.392
Investimentos	147	82.158	06	192.221	153	4.678.224
Total	1.591	25.131.616	15	313.065	1.591	25.131.616

Portes dos Produtores	Nº de Contratos	Valor
Mini	729	1.847.058
Pequeno	280	2.815.169
Demais Produtores	582	20.469.389
Total	1.591	25.131.616

PRODUTO	Nº Contratos	Valor	% Valor
BNDES Rural	23	1.356.981	5,40
Custeio Agropecuário	506	17.019.961	67,73
FINAME Rural	21	1.445.828	5,75
Investimento Agropecuário	03	99.840	0,40
PROGER Rural	256	2.592.019	10,31
PRONAF Agricultura Familiar	780	2.614.887	10,40
PRONAF Reforma Agrária	02	2.100	0,01
Total	1.591	25.131.616	100%
MODALIDADES	Nº Contratos	Valor	% Valor
Custeio Agropecuário MCR 6.2.	138	5.168.858	20,56
Custeio Agropecuário MCR 6.4 Controlado	233	8.614.964	34,28
Custeio Agropecuário Tradicional Não Controlado	135	3.236.139	12,88
Investimento Agropecuário MCR6.2	3	99.840	0,40
PRONAF Custeio Grupo C	573	871.385	3,47
PRONAF TN Custeio Reforma Agrária	02	2.100	0,01
PROGER Rural Rápido	226	2.012.041	8,01
PRONAF Rural Rápido Grupo D	131	547.906	2,18
BNDES PROARMAZENAGEM	04	661.383	2,63
BNDES PRODECAP	01	25.921	0,10
BNDES PRODEFRUTA	01	4.600	0,02
BNDES PROPASTO	03	115.300	0,46
BNDES PROSOLO	14	549.777	2,19
FINAME Equipamentos de Irrigação	02	131.343	0,52
FINAME MODERFROTAS	19	1.314.485	5,23
PROGER Rural Investimentos	30	579.978	2,31
PRONAF Investimento Grupo C	11	176.550	0,70
PRONAF Investimento Grupo D	65	1.019.046	4,05

ITEM FINANCIADO	Nº Contratos	Valor	% Valor
Aquisição de Animais – Investimento Pecuário	01	25.921	0,10
Bovinocultura Mista	01	9.000	0,04
Cultura de Inverno (exceto trigo)	12	221.938	0,88
Custeio Agrícola Demais	332	2.458.862	9,77
Fertilizantes e Defensivos	16	558.627	2,22
Formação de Culturas Perenes	01	4.600	0,02
Investimento Agrícola – Demais Aplicações	16	230.326	0,92
Maçã	02	300.000	1,19
Mandioca	01	5.844	0,02
Máquinas e Equipamentos – Investimento Agrícola	100	2.856.156	11,37
Máquinas e Equipamentos – Investimento Pecuário	01	42.000	0,17
Melhoramentos das Explorações – Investimento Pecuário	03	115.300	0,46
Melhoramentos das Explorações – Investimento Agrícola	12	801.293	3,19
Milho	654	7.900.171	31,44
Soja	421	8.958.388	35,65
Suinocultura	08	115.000	0,46
Trigo	08	493.190	1,96
Veículos – Investimento Agrícola	02	35.000	0,14
Total	1.591	25.131.616	100 %

## 11. ESTRUTURA DE ARMAZENAGEM

QUADRO 5 - CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM DE GRÃOS 2000-2003

	2000				2003			
	SILOS		SACARIA		SILOS		SACARIA	
	Unidade	Toneladas	Unidade	Toneladas	Unidade	Toneladas	Unidade	Toneladas
Cooperativas	07	14.500	01	1.800	09	17.380	01	1.800
Participação (%)	13	25	7	4	13	21	7	4,0
Indústrias Moageiras	03	3.600	01	6.000	03	3.600	01	6.000
Participação (%)	6	6	7	12	4	4,5	7	13,0
Armazém Geral	08	7.700	06	32.740	12	17.900	06	32.740
Participação (%)	16	13	40	68	17	22	43	71,0
Produtores	33	33.700	07	7.360	45	42.640	06	5.560
Participação (%)	65	56	46	16	66	52,5	43	12,0
TOTAL GERAL	51	59.500	14	47.900	69	81.520	14	46.100

FONTE: SEAB/DERAL

A distribuição da capacidade estática de armazenagem, apresenta hoje os produtores detendo 66% dos silos instalados e 52% da capacidade de armazenagem.

Desta forma eles deixam de comercializar o produto na modalidade balcão para disponível, conseguindo assim uma margem de lucro maior no momento da venda.

Nos últimos três anos o investimento dos produtores cresceu 36% na construção de novos silos e 26,5% na capacidade de armazenagem.

Somente as indústrias compradoras de soja é que não realizaram investimentos no município, limitando-se a arrendar armazéns para recepção da produção.

Numa escala ascendente vem aumentando a cada safra o investimento entre os produtores em estrutura de armazenagem devido a dois fatores básicos: liberdade da comercialização e suprir uma deficiência existente principalmente em relação a armazenagem de milho.

**QUADRO 6 - NÚMERO DE TRATORES EXISTENTES SEGUNDO A POTÊNCIA 1985 E 1996 NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA**

POTÊNCIA	1985		1996		
	UNIDADE	%	UNIDADE	%	Δ% 85/96
MENOS 10 cv	02	0,2	10	0,9	+ 400,0
10 A < 20 cv	21	2,6	12	1,1	- 43,0
- 20 A < 50 cv	83	10,5	61	6,0	- 26,5
50 A < 100 cv	550	69,4	775	75,5	+ 41,0
ACIMA 100 cv	137	17,3	169	16,5	+ 23,3
TOTAL	793	100	1.027	100	+ 29,6

FONTE: IBGE – Censo Agropecuário 1985 – 1996

A maior demanda tanto em 1985 como em 1996 foi para tratores com potência acima de 50 cv, mais apropriados às atividades agrícolas de escala maior.

A partir de 1996, sobretudo a partir de 2000, a demanda aumentou bastante principalmente devido ao desempenho da cultura da soja, que vem oferecendo boa rentabilidade com possibilidades de incrementos na atividade.

No período de 1985-1996, a demanda por máquinas para plantio cresceu 222% e para colheita cresceu 47,7%, conseqüência direta da evolução da mecanização, principalmente pelo crescimento das áreas de milho e soja. A demanda por arado com tração mecânica cresceu 4,7% no mesmo período.

**QUADRO 7 - NÚMERO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS EXISTENTES - 1985-1996**

VOLUME	1985				1996			
	MÁQUINAS		ARADOS		MÁQUINAS		ARADOS	
	Plantio	Colheita	Animal	Mecânica	Plantio	Colheita	Animal	Mecânica
UNIDADES DISPONÍVEIS	498	203	1754	902	604	300	1281	945

Fonte: IBGE-Censo Agropecuário 1985-1996

Enquanto os fatores de produção com tração mecânica aumentaram a demanda, os com tração animal tiveram redução de 26,9%, comprovando a tendência da substituição do equipamento entre os produtores. Esta tendência também se verifica nas empresas prestadoras de serviços como ferrarias, onde a demanda básica é pela manutenção de equipamentos, com raras encomendas de novos equipamentos.



12. A PECUÁRIA

O plantel pecuário do município, apresenta como destaque as integrações de suínos e aves que apresentaram evolução de 61% para o plantel de aves e de 53,7% para os suínos. Isto devido ao suporte que as empresas integradoras oferecem aos criadores, normalmente mini e pequenos proprietários rurais. O plantel das demais criações apresentam estabilidade, não vislumbrando no curto prazo nenhuma variação significativa, devido basicamente ao bom momento vivido pela agricultura, estando a cada ano ocupando mais espaço em relação a pecuária.

A maior preocupação vivida pelo setor no momento é a insegurança em relação a criação de suínos, em função da retirada do município da empresa Sadia, com os produtores que efetivavam toda sua transação comercial com Ponta Grossa tendo que fazer agora na cidade de Toledo, muito distante, com várias modificações negativas.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DO REBANHO PECUÁRIO 1999 – 2002

REBANHO	1999	2000	2001	2002
BOVINOS	35.040	36.598	39.306	39.516
SUÍNOS	24.503	26.000	31.905	37.665
AVES	411.000	482.000	663.270	661.512
EQUÍNOS	3.150	2.800	2.860	2.850
OVINOS	2.000	2.100	1.700	1.600

FONTE: SEAB/DERAL

O setor leiteiro do município está estruturado conforme apresentado no Quadro 08, com cerca de 10 empresas compradoras presentes, sendo que somente 3 possuem estrutura física instalada no município, com 2 fazendo industrialização parcial ou total da produção. Além da Cooperativa Witmarsum, o Laticínio Qualitat e Líder possuem unidades de recepção instalados, com o último efetuando somente o resfriamento, transferindo posteriormente a produção para industrialização fora do município.

## QUADRO 08 - ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO SETOR LEITEIRO DE PALMEIRA - 2002

EMPRESAS	PRODUTORES	BOVINOS	LITROS LEITE/MÊS
LATICÍNIO QUALITAT	46	3.500	570.000
LATICÍNIO SÃO MIGUEL	114	2.421	360.000
COOPERATIVA WITMARSUM	110	8.555	2.000.000
LATICÍNIO LÍDER	21	985	160.000
COOPERATIVA CLAC	1	60	30.000
LATICÍNIO PIMENTA	1	28	15.000
COOPERATIVA BATAVO	2	124	70.000
LATICÍNIO BONAMESA	1	96	50.000
LATICÍNIO PAULISTA	12	360	375.000
LATICÍNIO DANONE	5	120	54.000
TOTAL	313	16.249	3.684.000

FONTE: SEAB/DERAL

### 13. AGROINDÚSTRIAS

As unidades artesanais e agroindustriais instaladas apresentam alto índice de ociosidade, podendo-se concluir que: ocorreu incentivo ao investimento de maneira desordenada, pouca aceitação do produto pelo mercado, dimensionamento inadequado do mercado ou pouco trabalho na área de comercialização da produção.

A unidade com melhor desempenho é o curtume com 53,3% de ociosidade e as de piores desempenho são as de frutas secas com 98,5%, pastas/molhos com 95,0% e o de embutidos com 94,1% de ociosidade.

O município possui necessidade de investir na implantação de novas unidades agroindustriais, porém os exemplos apresentados servem como alerta, à necessidade de estudo técnico sério e ajustado a todas as variáveis que compõem as relações do mercado, para que não se tenha problemas, tornando-as viáveis e promissoras.

**QUADRO 09 - UNIDADES ARTESANAIS E AGROINDUSTRIAIS INSTALADAS, PRODUÇÃO E ÍNDICE DE OCIOSIDADE – 2003**

PRODUTOS	UNIDADES EXISTENTES	CAPACIDADE INSTALADA/DIA	PRODUÇÃO/ANO	UNIDADE	OCIOSIDADE/ANO %
VINHOS/LICORES	19	3000	45.000	LITRO	92,5
DOCES	10	300	12.000	QUILO	80,0
PICLES	20	500	26.000	QUILO	74,0
COMPOTAS	10	150	9.000	QUILO	70,0
PASTAS/MOLHOS	10	100	1.000	QUILO	95,0
SUCOS	10	500	7.000	LITRO	93,0
FRUTAS SECAS	4	50	150	QUILO	98,5
FARINHA MILHO	2	800	25.000	QUILO	84,3
FUBÁ	2	600	20.000	QUILO	83,4
QUEIJO	20	2000	50.000	QUILO	87,5
EMBUTIDOS	18	6000	70.000	QUILO	94,1
CANJICA	1	600	20.000	QUILO	83,4
QUIRERA	2	1000	15.000	QUILO	92,5
CURTUME	1	3000	280.000	UNIDADES	53,3
TOTAL	111	-	-	-	-

FONTE: EMATER PALMEIRA

#### 14. COOPERATIVISMO

A pouca participação dos produtores vinculados ao sistema cooperativo em Palmeira deve-se fundamentalmente aos problemas ocorridos com cooperativas no município.

De 1996 para 2003 a redução de produtores vinculados ao cooperativismo chegou a 57,6%, restando 205 produtores em 2003 dos 484 cooperados em 1.996 , conforme demonstra o Quadro 10.

Das cooperativas instaladas a que mais perdeu cooperados foi a Cooperativa Agropecuária Mista Witmarsun, caindo cerca de 76,6% o seu quadro de associados, reduzindo de 463 em 1.996 para os atuais 108.

Esse processo de desligamento dos produtores ficou mais acentuado a partir de 2001, com cerca de 60% sendo o percentual de desligamento até 2003, dos 76,6% que já se desligaram.

**QUADRO 10 - COMPARATIVO DO TOTAL DE COOPERADOS EXISTENTES EM PALMEIRA - 1996-2003**

COOPERATIVA	1996	2003	Δ %
WITMARSUM	463	108	- 76,6
BOM JESUS	03	40	+ 1233
COOPAGRÍCOLA	40	57	+ 42,5
TOTAL	484	205	- 57,6

FONTE: SEAB/DERAL

**TABELA 16 - EVOLUÇÃO REBANHO LEITEIRO E CORTE – COOPERATIVA WITMARSUM 1987 – 2001**

ANO	GADO DE LEITE			GADO DE CORTE		
	MACHO	FÊMEA	TOTAL	MACHO	FÊMEA	TOTAL
1987	516	10.203	10.719	727	1.476	2.203
1988	323	10.809	11.132	615	1.270	1.885
1989	212	10.288	10.500	576	2.803	3.379
1990	197	9.668	9.865	1.017	2.601	3.618
1991	209	9.645	9.854	2.453	1.658	4.111
1992	257	11.975	12.232	1.220	2.207	3.427
1993	311	13.945	14.256	1.166	2.777	3.943
1994	282	15.452	15.734	1.661	2.206	3.867
1995	259	16.970	17.229	1.485	2.325	3.810
1996	135	16.080	16.215	1.877	1.570	3.447
1997	331	16.754	17.085	1.681	1.930	3.611
1998	184	15.598	15.782	2.351	1.235	3.586
1999	182	8.875	9.057	863	795	1.658
2000	174	7.461	7.635	2.000	2.897	4.897
2001	161	6.446	6.607	1.052	2.477	3.529

FONTE: Cooperativa Witmarsum

Com a redução no plantel do gado leiteiro, aliada a concorrência que passa a ser mais acentuada pela instalação de laticínios particulares no município ou, simplesmente a vinda deles para adquirir o produto, fez com que a produção de leite ofertada caísse em cerca de 31,2% no período de 1987 a 2001 e cerca de 49,3% em relação a 1997.

## 15. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

O Município de Palmeira vem apresentando a cada ano evolução no seu Valor Bruto da Produção – VBP, com variação de 48,5% da safra 99/00 para 01/02. Comparando-se as duas últimas safras a variação foi de 19,2% (Quadro 11).

O montante obtido coloca o município como o 17º dentre os 399 municípios pesquisados no Paraná.

O produto de maior participação no total é a soja com 35,87% na safra 01/02, seguindo do milho com 12,20%, madeira com 9,58%, leite com 9,25 % e aves com 7,75%. Esses cinco produtos juntos são responsáveis por 74,32% do total.

**QUADRO 11 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS PRODUTOS NO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO PERÍODO 99/00 A 01/02**

PRODUTOS	SAFRA 99/00		SAFRA 00/01		SAFRA 01/02	
	VALOR PRODUÇÃO	%	VALOR PRODUÇÃO	%	VALOR PRODUÇÃO	%
ARROZ	96.448,50	0,10	49.355,00	0,04	51.745,40	0,03
CEVADA	458.394,34	0,50	930.133,90	0,81	1.391.566,00	1,02
CENTEIO	22.100,00	0,02	15.000,00	0,01	4.860,00	0,003
ERVA-MATE	118.400,00	0,12	177.100,00	0,15	168.000,00	0,12
FUMO	4.694.796,45	5,12	5.597.800,00	4,90	7.569.549,00	5,56
FEIJÃO	1.078.429,90	1,18	1.559.192,50	1,36	2.099.150,60	1,54
MILHO	12.006.624,00	13,10	13.193.134,00	11,56	16.610.320,00	12,20
MANDIOCA	80.276,40	0,08	99.188,70	0,08	145.624,44	0,10
SOJA	26.318.292,00	28,7	32.402.340,00	28,40	48.815.845,00	35,87
TRIGO	440.895,00	0,48	1.053.080,30	0,92	790.872,00	0,58
TRIGUILHO	146.021,84	0,16	33.462,40	0,02	32.282,60	0,02
TRITICALE	559.305,60	0,61	287.019,70	0,25	195.663,00	0,14
MAÇÃ	348.000,00	0,38	547.200,00	0,47	565.250,00	0,41
PÊSSEGO	28.490,00	0,03	81.600,00	0,07	84.000,00	0,06
PINHÃO	2.240,00	0,002	2.233,00	0,001	3.348,00	0,002
UVA	93.575,00	0,10	227.480,40	0,19	279.396,00	0,20
OLERÍCOLAS	4.553.438,90	4,97	8.308.446,60	7,28	5.753.798,10	4,22
CEBOLA	103.040,00	0,11	49.320,00	0,04	98.080,00	0,07
SILAGENS	2.264.000,00	2,47	3.936.000,00	3,45	53.638,62	0,03
AVEIA	103.242,60	0,11	157.123,00	0,13	-	-
SEMENTE CEVADA	5.946,75	0,006	9.287,55	0,008	-	-
SEMENTE SOJA	36.775,20	0,04	17.515,80	0,01	-	-
SEMENTE TRIGO	864,50	9,43	1.157,99	0,001	-	-
SEMENTE TRITICALE	1.166,04	0,001	-	-	-	-
MUDAS	15.200,00	0,01	18.500,00	0,01	16.500,00	0,01

PRODUTOS	SAFRA 99/00		SAFRA 00/01		SAFRA 01/02	
	VALOR PRODUÇÃO	%	VALOR PRODUÇÃO	%	VALOR PRODUÇÃO	%
MADEIRAS	9.182.061,00	10,02	9.433.631,00	8,27	13.050.416,00	9,58
BOVINOS	3.199.926,10	3,49	5.660.926,90	4,96	6.784.332,80	4,98
LEITE	12.865.000,00	10,04	11.060.000,00	9,69	12.600.000,00	9,25
CAPRINOS	3.525,00	0,003	2.088,00	0,001	7.536,00	0,005
EQUINOS	111.466,70	0,12	439.096,60	0,38	154.878,20	0,11
MUARES	21.312,75	0,02	19.125,60	0,01	35.045,10	0,02
OVINOS	49.710,00	0,05	73.056,00	0,06	167.232,00	0,12
LÃ	6.360,00	0,006	4.770,00	0,04	3.538,00	0,002
SUÍNOS	4.438.760,00	4,84	6.073.172,60	5,32	7.223.312,30	5,30
OVOS	16.500,00	0,01	18.290,00	0,01	28.000,00	0,02
AVES	7.017.180,00	7,65	11.437.291,00	10,02	10.558.134,00	7,75
MEL	160.720,00	0,17	205.220,00	0,17	302.600,00	0,22
GELÉIA REAL	350.622,00	0,38	398.750,00	0,34	5.333,40	0,003
PROPOLIS	122.528,00	0,13	119.857,00	0,10	110.460,00	0,08
HUMUS	50.400,00	0,05	52.200,00	0,04	42.500,00	0,03
FEIJÃO ORGÂNICO	-	-	16.800,42	0,01	6.747,66	0,004
MANDIOCA ORGÂNICA	-	-	5.151,30	0,004	1.034,10	0,007
TRIGO ORGÂNICO	-	-	975,29	0,000 8	1.063,00	0,007
CERA ABELHA	-	-	135.005,00	0,11	67.230,00	0,04
MILHO ORGÂNICO	-	-	4.207,55	0,003	4.555,20	0,003
SOJA ORGÂNICA	898,70	0,098	10.156,50	0,008	9.376,50	0,006
CAMA AVIÁRIO	-	-	118.812,75	0,10	198.528,00	0,14
TOTAL	91.629.115,53		114.058.824,85		136.091.344,6 7	

FONTE: SEAB/DERAL/DEB

## **16. MECANISMOS DE COMERCIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA**

### **16.1 MERCADOS FUTUROS**

- É um mecanismo de proteção de preço de produtos agropecuários (commodities);
- Protege o produtor de uma eventual queda de preços de comercialização;
- Garante um preço de comercialização necessário para cobrir os custos, margem de lucro e assegura a continuidade das atividades rurais do produtor;

### **16.2 FUNCIONAMENTO:**

Funciona como um seguro de preços para o Produtor Rural.

### **16.3 MODALIDADES:**

- **VENDA DE CONTRATOS FUTUROS:** Destinado a agentes das cadeias produtivas agropecuárias que, produzam ou tenham produtos para comercialização;

O objetivo é proteger-se da QUEDA DOS PREÇOS.

- **COMPRA DE CONTRATOS FUTUROS:** Destinado a agentes das cadeias produtivas agropecuárias que, utilizem produtos para matéria-prima ou consumo ou esteja com a produção vendida.

O objetivo é buscar proteção para a ALTA DOS PREÇOS

### **16.4 OPERACIONALIZAÇÃO ATRAVÉS DO BANCO DO BRASIL.**

- Os interessados (produtores, agroindústrias, cerealistas, etc.) devem se dirigir ao Banco do Brasil S. A.;
- Esses contratos são negociados nas Bolsas e o BB se responsabiliza pela parte burocrática do processo.

## **16.5 PRODUTOS NEGOCIÁVEIS E QUANTIDADES MÍNIMAS – BM&F:**

- Nas operações realizadas nestas modalidades, os produtos e as quantidades são:

- a) açúcar: 270 sacas de 50 kg;
- b) álcool: 30 metros cúbicos (30 mil litros);
- c) algodão em pluma: 12.750 kg ou 28.108,65 libras-peso;
- d) bezerro: 33 animais (mínimo de 170 quilos cada);
- e) boi gordo: 330 arrobas=20 bois de 16,5 arrobas(cada);
- f) café arábica: 100 sacas de 60 kg;
- g) café robusta (conillon): 250 sacas de 60 kg;
- h) milho: 450 sacas de 60 kg;
- i) soja: 100 toneladas métricas em grãos a granel.

Obs.: É necessário verificar a liquidez do contrato antes de negociar ([www.bmf.com.br](http://www.bmf.com.br) – Boletim Informativo/Resumo Estatístico/Contratos Abertos), verificando a quantidade de contratos em aberto, a falta de liquidez pode comprometer o negócio.

## **16.6 MOEDA DE REFERÊNCIA DOS CONTRATOS FUTUROS :**

- Os contratos negociados na BM&F são cotados nas seguintes moedas:
  - Em Real: álcool, bezerro, boi e milho.
  - Em Dólar: açúcar, algodão, soja e café.

## **16.7 BENEFÍCIOS PARA O PRODUTOR RURAL:**

- proteção contra oscilação de preço do produto agrícola;
- certeza de comercialização da safra por um preço garantido;
- fixação antecipada da remuneração sobre a produção;



- ganhos em competitividade no mercado globalizado;
- planejamento das suas atividades futuras;
- venda física no mercado local.

## 16.8 RESULTADOS RECENTES:

As vendas futuras de soja, realizadas em dólar, para recebimento no final de abril 2004, resultaram em perda de receitas pelos produtores, uma vez que o preço no mercado internacional apresenta alta expressiva, não repassada ao produtor. Esta situação demonstra que os produtores devem buscar maior orientação nas futuras comercializações de modo a assegurarem melhor resultado (com rédgie/seguro de preços).

## 17. COMPARATIVO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE GRÃOS NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA – SAFRAS 2002/2003 X 2003/2004

TABELA 17 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO MUNICÍPIO NAS SAFRAS 2002/2003 (avaliação final) X 2003/2004 (estimativa inicial).

Produto	Safr 2002/2003			Safr 2003/2004			Variação %
	Área (há)	Produtividade (kg/há)	Produção (t)	Área (há)	Produtividade (kg/há)	Produção (t)	
Arroz	100	1.600	160	100	160	160	0,00
Feijão	2.200	1.100	2.420	2.200	1.200	2,640	9,09
Milho	11.700	6.800	79.560	9.945	6.100	60.664	(-23,75)
Soja	40.000	3.200	128.000	4.1755	3.000	125.265	(-2,14)

Verifica-se redução na área de cultivo do milho, na safra 2003/2004, motivada por preços menores em 2003. A produtividade estimada para a soja, em 2004, apresenta redução devido aos fatores climáticos desfavoráveis (estiagem e granizo).

TABELA 18 – DESEMPENHO DA SAFRA DE INVERNO 2003 NO MUNICÍPIO

Produto	Área (há)	Produtividade (kg/há)	Produção (t)
Aveia Branca	150	1.900	285
Aveia Preta	500	1.500	750
Centeio	30	1.800	54
Cevada	4.160	3.200	13.312
Trigo	3.000	3.300	9.900
Triticale	700	3.400	2.380
Total	8.540		26.681

## 18. CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi levantar os dados sobre a cadeia produtiva existente no Município de Palmeira, com o propósito de obter o subsídio necessário ao planejamento das ações da Agência local do Banco do Brasil.

Ratificou-se o perfil predominantemente agrícola do Município e neste contexto, os dados que realmente importam, são os relativos às safras em curso e as demandas atuais por investimentos. Contudo, considerou-se importante apresentar, os conhecimentos históricos relativos à constituição do Município, com a identificação dos povos das diversas origens e culturas européias que foram os principais colonizadores da região.

Foram incluídas também, a título de informações adicionais, quadros e tabelas contendo dados estatísticos sobre as condições climáticas, bem como as composições topográficas, hidrográficas e a classificação dos solos.

A apresentação de estatísticas sobre a agricultura no Município, objetiva demonstrar a evolução verificada, a partir de 1985, que evidencia o crescimento progressivo dos produtos destinados à exportação, com destaque absoluto para a cultura de soja. Essa mudança demandou, simultaneamente, o aumento do parque de máquinas, por exigir maior emprego de tecnologia.

Constatou-se a realização de importantes investimentos na estrutura de armazenagem, tanto a nível de propriedade, quanto em Associações e Cooperativas. O Banco do Brasil financiou diversas unidades armazenadoras rurais, através do Programa Proarmazem do BNDES. Desta forma, a capacidade armazenadora do Município, mostra-se suficiente nesta safra, especialmente, devido à comercialização antecipada de aproximadamente 50% (cinquenta por cento) da safra, cuja entrega ocorre logo após a colheita.

As estatísticas sobre concessão de créditos, apresentam expressivo crescimento nas contratações realizadas pelo Banco do Brasil, constatado pela quantidade de contratos e pelo montante de recursos emprestados, demonstrados nas tabelas 10 a 14. com expressivo incremento no ano de 2003. O montante emprestado pela

Agência passou de R\$ 12.324.973,00 em 31.12.2002 para R\$ 25.131.616,00 em 31.12.2003, representando elevação superior a 100% (cem por cento) entre as safras 2002/2003 e 2003/2004.

Além da produção comercial, a agricultura familiar foi altamente beneficiada na safra 2003/2004, quando foram atendidos 1.029 mini e pequenos produtores, com o total de R\$ 4.662.227,00 financiados a juros muito baixos.

Como aspecto desfavorável no Município, constatou-se a ausência de atividade industrial, especialmente, agroindústrias capazes de agregar valor à produção, gerar empregos e aumentar a arrecadação de impostos. Esse fator caracteriza o Município como fornecedor de matéria prima e limita os negócios e a movimentação financeira à produção primária.

O diagnóstico geral, do ponto de vista dos negócios e serviços bancários indicam os seguintes aspectos:

- **Risco:** Muito reduzido, em função da estabilidade climática, do aprimoramento tecnológico, da postura empresarial empregada pelos médios e grandes produtores, da fixação no campo promovida pela agricultura familiar e o mercado muito favorável no processo de comercialização.
- **Limitações:** Toda a área cultivável já se encontra em exploração. Qualquer expansão horizontal, só é possível em outras regiões. Ausência de indústrias capazes de agregar valores à produção do Município.
- **Demandas de Crédito:** A maior demanda é pelo custeio, seguido pela renovação ou substituição do parque de máquinas agrícolas.
- **Movimentação Financeira:** O valor bruto das safras fica em torno dos 100 milhões de reais, que ingressam no Município de forma gradativa durante o ano.
- **Concorrência:** Composta por 07 (sete) agências bancárias. É agressiva, especialmente, no período de comercialização. Estão representados além do BB, o Bradesco, a Caixa Econômica Federal, HSBC, Itaú e SICREDI (esta com duas unidades).

- **Direcionamento do Banco do Brasil:** Assegurar a manutenção dos clientes de primeira linha, que são altamente assediados pela concorrência, através do acompanhamento constante, agilidade e tempestividade no atendimento de suas demandas por financiamentos e evitar a evasão de seus recursos para a concorrência.
- **Prospecção:** Estreitar parcerias com empresas prestadoras de assistência técnica e extensão rural. .

## REFERÊNCIAS

HOFFMANN, R., **Administração da Empresa Agrícola**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais – Série Estudos Agrícolas 3ª Edição. São Paulo 1981.

CASTRO, Iná E. **Redescobrimdo o Brasil 500 Anos Depois**. BCD União de Editores. Rio de Janeiro RJ. 1998.

SEAB/DERAL. Secretaria Estadual de Abastecimento e Departamento Rural – Escritório Regional de Palmeira. **Levantamento sistemático da produção agrícola**. Palmeira, 1985-2002.

PALMEIRA P.M. **Plano municipal de desenvolvimento rural**. Prefeitura Municipal Palmeira, 1999.

BRASIL B.B: **Relatório anual sobre empréstimos rurais**. Diretoria de Crédito Rural. Brasília 2004.